

O PERCURSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DOS ITENS LINGUÍSTICOS ASSIM,
JÁ E AÍ NO PORTUGUÊS FALADO DO INTERIOR PAULISTA:
UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-FUNCIONAL¹

Edson Rosa Francisco de SOUZA²

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar os usos multifuncionais de *assim*, *já* e *aí* no Português falado do noroeste paulista (Banco de dados IBORUNA), a partir do diálogo entre os postulados teóricos da Gramaticalização (TRAUGOTT, 1982, 1995) e da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008). Mais especificamente, o intuito é mostrar que o processo de gramaticalização de *assim*, *já* e *aí* nos dados do Português brasileiro pode ser analisado conforme os níveis e as camadas de organização da Gramática Discursivo-Funcional.

Palavras-chave: Gramaticalização; Gramática Discursivo-Funcional; Itens *assim*, *já* e *aí*.

Abstract: *The aim of this paper is to analyze the multifunctional uses of assim (thus), já (already) and aí (there) under the perspectives of Grammaticalization theory (TRAUGOTT, 1982, 1995) and Functional Discourse Grammar (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008). The specific proposal is to show that the grammaticalization process of assim, já and aí in spoken Portuguese of northwest of the São Paulo state may be analyzed according to the levels and layers of the FDG organization.*

Keywords: *Grammaticalization; Functional Discourse Grammar; Items assim, já and aí.*

INTRODUÇÃO

Em uma rápida análise nos dados do Português brasileiro, podemos observar um grande número de itens linguísticos exer-

¹ Este artigo apresenta alguns resultados da minha Tese de Doutorado “Gramaticalização dos itens linguísticos *assim*, *já* e *aí* no Português Brasileiro: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional”, defendida no IEL/UNICAMP no dia 27/02/2009. A pesquisa foi orientada pela Profa Dra Ingedore Grunfeld Villaça Koch e contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, Proc. nº. 04/10894-0)

² Professor Adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS – Campus de Três Lagoas e membro pesquisador do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), da UNESP de São José do Rio Preto, com sede no CNPQ, coordenado pela Profa Dra Erotilde Goreti Pezatti. Email: edsrosa@yahoo.com.br.

cendo diferentes funções na organização da linguagem, tais como as de fórico, conjunção e organizador do discurso. A propósito, em um trabalho sobre a classe adverbial, Ilari *et alii* (1990, p. 85) apontam que alguns advérbios, particularmente os dêiticos, podem aplicar-se a unidades cujas dimensões ultrapassam não só os limites dos constituintes, como também os da sentença. Para os autores, isso acontece porque “entre a dêixis propriamente dita e a anáfora, e entre a anáfora e as operações discursivas, há um progressivo esvaziamento da dimensão espaço-temporal, na medida em que o discurso se torna a dimensão de referência” (p.86). Tanto para esses autores quanto para Neves (1992) e Braga (2001), a referência espaço-temporal dá lugar à continuidade temática, à continuidade tópica e também à estrutura argumentativa.

Partindo, pois, dessas observações, o objetivo do referido trabalho é mostrar, sob a perspectiva teórica da Gramática Discursivo-Funcional (GDF, doravante) e da Gramaticalização (GR, doravante), que os itens linguísticos *assim*, *já* e *ai* podem ser perfeitamente analisados com relação aos níveis (Representacional e Interpessoal) e às camadas (semânticas e pragmáticas) de organização da GDF, no sentido de que a expansão funcional desses elementos nos níveis e nas camadas da GDF pode ser elencada como uma evidência linguística de que os itens *assim*, *já* e *ai* estão se gramaticalizando na língua, assumindo diferentes funções textuais e discursivas ao longo do seu percurso de mudança linguística, em direção às dimensões textual e interacional da língua.

Para tanto, o artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: A seção 2 traz uma rápida discussão sobre os advérbios e a proposta da gramaticalização. A seção 3 traz uma apresentação da GDF. As seções 4 e 5 apresentam a análise dos dados de *assim*, *já* e *ai* no Português falado do noroeste paulista. Na seção 6 elencamos algumas questões sobre a GR e algumas generalizações sobre os usos de *assim*, *já* e *ai*. Por fim, a última seção encerra-se com as considerações finais.

OS ADVÉRBIOS E A PROPOSTA DE GRAMATICALIZAÇÃO

Alguns usos de *assim*, *já* e *aí* já foram descritos por linguistas brasileiros, no entanto, há ainda vários outros usos que não foram analisados, principalmente os que fazem referência à situação comunicativa do falante/ouvinte. Nesse contexto, estudos como os de Lopes-Damáso (2008)³ e Guerra (2007)⁴ sobre os marcadores discursivos na Língua Portuguesa são certamente os que apresentam uma descrição mais detalhada sobre o funcionamento de alguns itens linguísticos no Português, porém, trabalhos dessa linhagem são muito poucos. Apesar dos problemas levantados por esses estudos e dos resultados positivos alcançados pelas autoras, muito ainda precisa ser feito com relação aos itens adverbiais, não somente no que diz respeito aos itens *assim*, *já* e *aí*, como também a outros elementos adverbiais, que ainda estão à espera de descrições funcionalistas mais fundamentadas.

A multifuncionalidade dos itens *assim*, *já* e *aí* é decorrente da própria natureza heterogênea da classe adverbial e da instabilidade categorial de muitos desses elementos que se encontram em processo de mudança linguística. Por isso, a classificação dos advérbios como uma categoria discreta, pautada em critérios sintáticos e morfológicos (BARBOSA, 1981; BECHARA, 1999; CUNHA e CINTRA, 1985), é quase sempre deficitária do ponto de vista linguístico.

A literatura aponta que os itens *assim*, *já* e *aí* exercem diferentes funções linguísticas no Português, motivo pelo qual argumentamos em favor da existência de um processo de GR atrelado a eles. Em geral, a GR pode ser definida como um processo de mudança linguística de caráter unidirecional, uma de suas características intrínsecas, no interior do qual itens ou “construções lexicais” (TRAUGOTT, 2003) passam a exercer funções gramaticais, podendo, ainda, assumir outras funções gramaticais com

³ Em sua dissertação de mestrado, Lopes-Damáso (2008) analisou as funções do marcador discursivo *assim*.

⁴ O objetivo do trabalho de Guerra (2007) é buscar uma redefinição do conceito de marcador discursivo e, conseqüentemente, dos elementos linguísticos que podem integrar esse grupo de palavras.

a continuação do processo. Nesse sentido, sempre que um item lexical adquire uma função gramatical ou quando um item já gramatical por natureza assume uma função ainda mais gramatical, o que se tem é um típico caso de GR. As construções (1) e (2) com o verbo *gi* “dar”, da língua Akan, da família Niger-Congo (Gana, África), ilustram esse processo:

1. Akan (SEBBA, 1987, p. 50)

Kofi gi Amba wan buku
 Kofi dar Amba um livro
 ‘Kofi deu a Amba um livro.’

2. Akan (SEBBA, 1987, p. 50)

Kownu seni wan boskopu gi Tiger
 Rei enviar uma mensagem dar Tiger
 ‘O Rei enviou uma mensagem para Tiger.’

Ambas as construções apresentam três argumentos (sujeito, objeto direto e objeto indireto/recipiente), no entanto, em (1), o argumento recipiente *Amba* é introduzido na sentença sem o auxílio de preposição (forma não marcada), ao passo que em (2) o argumento recipiente *Tiger* é introduzido por meio do verbo serial *gi* “dar”. O que se observa nesses exemplos é que, em (1), *gi* é usado como verbo pleno, enquanto em (2) o verbo *gi* é usado com o significado da preposição *para* (*to/for*, do Inglês). Isso acontece porque, em Akan, a alternância de construções, que é uma característica do Inglês (como em *I gave the book to John* = *I gave John the book*), só é possível por meio do uso do verbo *gi* em série. De acordo com Schiller (1999), as línguas que não dispõem de muitas preposições para inserir o terceiro argumento do verbo na sentença tendem a empregar os verbos seriais como forma gramatical para exercer essa função. Assim, é por assumir uma nova função na gramática da língua, a de preposição, que o verbo *gi* é elencado como um caso de GR. Isto é, de verbo pleno (predicado de três lugares), *gi* passou a exercer a função de preposição.

Há vários autores que trabalham com a proposta de GR, ora discutindo aspectos teóricos que dizem respeito à concepção do fenômeno ora discutindo parâmetros e princípios de GR, com o intuito de verificar o estágio de mudança das formas linguísticas. Dos autores que discutem questões sobre mudança linguística, chamamos a atenção para Heine *et alii* (1991), Hopper & Traugott (1993) e Bybee (2003), que compartilham de uma noção semelhante de GR, assentada basicamente no reconhecimento de que a passagem de um item lexical a um item gramatical (ou de um item gramatical para um item ainda mais gramatical) ocorre de maneira gradual, num sentido unidirecional. Em outras palavras, o que essas propostas têm em comum é que a distinção entre elementos lexicais e elementos gramaticais não é entendida de forma *dicotômica* (ou é lexical ou é gramatical), mas sim como *continuum* de GR, que aponta para existência de categorias não-discretas, que se distribuem entre os dois extremos desse *continuum* [+ Lex → + Gram].

Na proposta de Heine *et alii* (1991), a GR é definida como processo cognitivo, em que conceitos concretos (espaço físico, tempo, etc) são utilizados para compreender, descrever ou explicar fenômenos mais abstratos (articulação de orações) pertencentes à língua. Dessa forma, os autores explicam que o ‘surgimento’ de *novas formas* linguísticas é motivado por questões pragmáticas, a partir de associações metafóricas e metonímicas realizadas pelo falante.

A definição de GR que adotamos neste trabalho – e que é compatível com a GDF – diz que o *processo* de GR se dá quando um item lexical se torna mais gramatical ou quando um item menos gramatical se torna ainda mais gramatical, entendendo-se por ‘lexical’ as palavras de sentido mais concreto que têm significado por si mesmas e por ‘gramatical’ as palavras que têm sentido mais abstrato. Além disso, com base nos postulados teóricos de Traugott (1982), Hopper & Traugott (1993) e Traugott (1995), consideramos que a GR pode ser entendida como um processo de *pragmatização*, em que usos mais gramaticais e abstratos passam a atuar no domínio comunicativo (ou conversacional de Sweetser,

1991), exercendo funções mais expressivas, dentre as quais estão os usos de itens linguísticos como marcador discursivo, operador aproximativo, etc.

Do ponto de vista diacrônico, não há como negar, segundo Hengeveld & Mackenzie (2008), que os fenômenos gramaticais derivam unidirecionalmente de unidades lexicais. É uma questão que tem sido, conforme os autores, atestada nos estudos de GR. Hengeveld & Mackenzie reconhecem ainda que do estágio inicial ao estágio final de mudança, um dado elemento pode compartilhar ou conservar propriedades dos estágios iniciais, aspecto que é captado pelo princípio da *persistência* de Hopper (1991). Já do ponto de vista sincrônico, Hengeveld & Mackenzie (2008, p. 7) postulam uma distinção “didática” entre elementos lexicais e elementos gramaticais (cf. KEIZER, 2007), na medida em que ela é “importante para o modo como esses elementos serão analisados na GDF”. Isso quer dizer, apesar de não ser discutido na GDF, que os autores reconhecem que as categorias lexicais e gramaticais não são categorias discretas, o que referenda a noção de *continuum* de alguns autores. No entanto, entendem que a distinção entre um uso e outro é essencial para a análise.

SOBRE A GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF é definida pelos seguintes aspectos: (i) busca modelar a competência gramatical de usuários das línguas; (ii) assume o ato discursivo, não a oração, como unidade básica de análise; (iii) a GDF interage sistematicamente com os componentes conceitual, contextual e de expressão, que antes não tinham sido contemplados na Gramática Funcional de Simon Dik; (iv) a organização hierárquica da GDF é descendente (parte das intenções comunicativas), enquanto a da Gramática Funcional (GF) é ascendente, e, por fim, (v) a GDF inclui as representações morfossintáticas e fonológicas como parte da estrutura subjacente.

Segundo Hengeveld & Mackenzie (2008, p. 2), a GDF pode ser definida mais concisamente como uma teoria que procura entender como as unidades linguísticas são estruturadas em termos

do mundo que elas descrevem e das funções comunicativas que elas expressam na língua. Para a GDF, o discurso constitui o suporte das unidades linguísticas de níveis mais baixos. O que difere um modelo do outro é que a GDF inicia-se com a formulação da intenção do falante, finalizando com a realização da expressão linguística, ao passo que a GF inicia-se com a seleção de itens lexicais para, em seguida, expandir gradualmente a estrutura subjacente da oração para outras camadas:

Outra distinção é que, na GDF, a pragmática governa a semântica, a pragmática e a semântica governam a morfossintaxe e, juntas, a pragmática, a semântica e morfossintaxe governam a fonologia. Essa mudança é, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), motivada pelo postulado de que a “eficiência de um modelo de gramática é tanto maior quanto mais se aproximar do processamento cognitivo”. Isso porque, embora a GDF não seja um modelo de processamento de linguagem, estudos psicolinguísticos demonstram que a produção linguística é um processo descendente, que parte do componente cognitivo em direção ao componente de expressão.

O Nível Interpessoal

O nível interpessoal lida com os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel na interação entre falante e ouvinte. Segundo a GDF, as unidades interpessoais são:

(ΠM_1 : [Movimento
(ΠA_1 : [Ato
(ΠF_1 : ILL (F_1): $\Sigma (F_1)$) $_{\Phi}$	Ilocução básica
(ΠP_1 : ... (P_1): $\Sigma (P_1)$) $_{\Phi}$	Falante
(ΠP_2 : ... (P_2): $\Sigma (P_2)$) $_{\Phi}$	Ouvinte
(ΠC_1 : [Conteúdo Comunicado
(ΠT_1 [...] (T_1): $\Sigma (T_1)$) $_{\Phi}$	Subato de Adscrição
(ΠR_1 [...] (R_1): $\Sigma (R_1)$) $_{\Phi}$	Subato de Referência
] (C_1): $\Sigma (C_1)$) $_{\Phi}$	Conteúdo Comunicado
] (A_1): $\Sigma (A_1)$) $_{\Phi}$	Ato
] (M_1): $\Sigma (M_1)$) $_{\Phi}$	Movimento
Quadro 1. As camadas de organização do Nível Interpessoal	

O *movimento*⁵ é definido na GDF como a camada mais elevada da hierarquia e descreve o segmento inteiro de discurso que é considerado relevante no processo de interação. Um movimento, por sua vez, é constituído de um ou mais *atos* temporalmente ordenados que, juntos, formam o núcleo (simples ou complexo). Cada *ato discursivo* (A) se organiza com base em um esquema *ilocucionário* (ILL), que contém dois *participantes* (P), o Falante e o Ouvinte (S, A) e o conteúdo comunicado como seus argumentos. O *conteúdo comunicado* contém um número variável de *subatos adscritivos* (A) e *referenciais* (R), aos quais funções pragmáticas são atribuídas.

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), o *movimento*⁶ é utilizada na expressão de intenções comunicativas do falante e pode ser classificado em: iniciação (pergunta), reação (resposta) e avaliação⁷. Além dos casos de implicaturas (atos de fala indiretos), essas intenções podem ser: convite, informação, questionamento, ameaça, advertência, recomendação etc. Já a *ilocução* indica o propósito de nossos atos verbais e os *participantes* representam o falante e o ouvinte, enquanto o *conteúdo comunicado* contém a totalidade do que o Falante deseja evocar durante a interação.

O *conteúdo comunicado* pode conter um ou mais *subatos*, que são hierarquicamente subordinados a *atos discursivos*. Trata-se de categoria pragmática que se diferencia do *conteúdo proposicional*, que é uma categoria semântica do nível representacional e tem como escopo os episódios e os eventos. Diferentemente do conteúdo proposicional, o conteúdo comunicado possui seus próprios

⁵ Em Português, o termo *movel movimento* é usado na GDF como movimento, lance ou jogada.

⁶ Os exemplos (a) e (b) constituem casos de movimento com dois atos discursivos, em que um é definido como subordinado (dependente) e o outro como nuclear:

a) O João, ele esteve aqui. $(\Pi M_1: [(\Pi A_1: [\dots] (A_1))_{Orient} (\Pi A_2: [\dots] (A2))_{Nuc}] (M_1))_{\Phi}$
 b) Ele esteve aqui, o João. $(\Pi M_1: [(\Pi A_1: [\dots] (A_1))_{Nuc} (\Pi A_2: [\dots] (A2))_{Corr}] (M_1))_{\Phi}$

⁷ Os exemplos (i) e (ii) representam alguns tipos de movimento no português:

- (i) A: *Onde você estuda?* (M1) Iniciação
 B: *Eu estudo em São Paulo.* (M2) Reação
- (ii) A: *Qual é a capital do Brasil?* (M A1) Iniciação
 B: *Brasília.* (M BReação) *Por quê?* (M B2) Iniciação
 A: *Eu estou fazendo a minha lição de casa.* (M A2) Reação

operadores (Π) e modificadores (Σ) interpessoais e está sempre associado ao falante.

Já os *subatos* contidos em um conteúdo comunicado podem ser de dois tipos: *adscritivo* e *referencial*. O *subato adscritivo* (ΠT_1) representa a tentativa do falante de evocar uma propriedade. Ao proferir, por exemplo, “*Está nevando*, o falante está evocando somente uma propriedade meteorológica sem evocar nenhum tipo de referente; *nevar* não está sendo atribuído a algo, mas simplesmente ‘descrito’. O *subato referencial* (ΠR_1), por outro lado, ocorre quando o falante evoca um referente, proferindo coisas do tipo: *mulher, casa, gato, árvore*, entre outras.

O Nível Representacional

O nível representacional lida com os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel no estabelecimento de uma relação com o mundo real ou imaginário que ela descreve. Por isso, as categorias representacionais referem-se à designação e não à evocação (interpessoal):

$(\Pi p_1:$	Conteúdo proposicional
$(\Pi ep_1:$	Episódio
$(\Pi e_1:$	Estado de coisas
$[(\Pi f_1: [$	Propriedade
$(\Pi f_1: \blacklozenge (f_1): [\sigma (f_1)_{\Phi}])$	Propriedade lexical
$(\Pi x_1: \blacklozenge (x_1): [\sigma (x_1)_{\Phi}])_{\Phi}$	Indivíduo
...	
$] (f_1): [\sigma (f_1)_{\Phi}])$	Propriedade
$(e_1)_{\Phi}: [\sigma (e_1)_{\Phi}])$	Estado de coisas
$(ep_1): [[\sigma (ep_1)_{\Phi}])$	Episódio
$(p_1): [\sigma (p_1)_{\Phi}])$	Conteúdo proposicional
Quadro 2. As camadas de organização do Nível Representacional	

No nível representacional, as unidades linguísticas são descritas em termos do tipo de entidade que elas designam. Para a GDE, o conteúdo proposicional (constructo mental, crença, desejo) é a camada mais alta do Nível Representacional. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), os conteúdos proposicionais

podem ser *factuais*, quando são porções de conhecimento ou uma crença acerca do mundo real, ou *não-factuais*, quando são desejos ou expectativas com relação a um mundo imaginário. Além disso, para os autores, os conteúdos proposicionais são caracterizados pelo fato de serem qualificados em termos de suas atitudes proposicionais (certeza, dúvida, descrença) em relação ao evento ou em termos de sua fonte ou origem do conhecimento.

Organizados, assim, de forma hierárquica, os conteúdos proposicionais contêm episódios (ep), que podem ser constituídos por um ou mais eventos dispostos numa sequência tematicamente coerente, apresentando, sempre, uma unidade temporal (t), locativa (l) e uma consequente manutenção dos indivíduos (x) envolvidos. No modelo da GDE, os eventos são caracterizados por uma ou mais *propriedades* (f_1), que, por sua vez, podem conter descrições de *indivíduos* (x) e outras propriedades (f_2). Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a categoria *episódio* admite modificadores de tempo absoluto (*ontem, hoje, amanhã*, etc), e a categoria *evento* admite apenas modificadores de tempo relativo (como *depois do almoço, na parte da manhã*, etc).

Os Níveis Morfossintático e Fonológico

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), quanto mais se adentrar, em direção *top-down*, aos demais níveis do modelo (níveis morfossintático e fonológico), mais (trans)linguisticamente específicos os níveis se tornarão, uma vez que é no Nível Morfossintático que as representações interpessoais e representacionais são codificadas morfossintaticamente. Nesse nível, sintagmas adposicionais são relevantes somente para algumas línguas, mas não para outras. Algumas línguas são do tipo morfológico isolante, e outras do tipo aglutinante. No nível morfossintático, a unidade linguística é analisada em termos de sua composição sintática (de seus constituintes sintáticos), começando da camada mais alta para a mais baixa: expressões linguísticas (Le), orações (Cl), sintagmas de vários tipos (Xp), e palavras de vários tipos (Xw). Ainda, segundo os autores, é possível distinguir, dentro de cada palavra, morfemas de vários tipos (Xs) e afixos (Aff).

Já o nível fonológico contém tanto a representação segmental quanto a representação supra-segmental de um enunciado. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), nesse nível de organização da GDF, a expressão linguística é analisada em termos de suas unidades fonológicas, tais como o *enunciado* (U), que é a camada mais alta do nível fonológico, a *frase intonacional* (IP), a *frase fonológica* (PP) e a *palavra fonológica* (PW), além das camadas denominadas *pé* (F) e *sílaba* (S).

REPRESENTAÇÃO DOS USOS DE ASSIM, JÁ E AÍ NOS NÍVEIS DA GDF

Nesta seção, apresentamos a análise qualitativa dos usos de *assim*, *já* e *ai* no Português falado no noroeste paulista. O *corpus* de análise do trabalho é composto por 38 inquéritos do tipo *Amostra Censo*, provenientes do Banco de dados IBORUNA (FAPESP, Nº 03/080058-6), coordenado pelo Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves (IBILCE/UNESP).

Usos de assim, já e ai no Nível Representacional

O que apresentamos, a seguir, é a sistematização dos usos de *assim*, *já* e *ai* do Português com base nas camadas do Nível Representacional, começando pelos usos mais concretos. Para tanto, os dados analisados na seção 4 serão retomados aqui apenas para fins de representação.

- Usos dêiticos:

3.	coloca ele [o pau do carrinho de rolimã] assim (AC-007; RP: L. 90)	Adv. de modo
	NR: (e _i : (f _i : [(f _j : colocar (f _j): (f _k : assim (f _k)) (x _i)] (f _i)) (e _i))	
	= (m _i : (f _i : assim _{Advmodo} (f _i)) (m _i))	
4.	você já vê uma sala (AC-008-DE; L. 99)	Adv. de tempo
	NR: (e _i : (f _i : [(f _j : ver (f _j): (f _k : já (f _k)) (x _i)] (f _i)) (e _i))	
	= (t _i : (f _i : já _{Advtempo} (f _i)) (t _i))	

5.	eu morava aí (AC-098; DE: L. 165-170)	Adv. locativo
	NR: (e _i : morar (x _i) (l _i) (e _i))	
	= (l _i : (f _i : aí _{Advlocativo} (f _i)) (l _i))	

Em (3), o item *assim* funciona como modificador de predicado, isto é, como modificador do verbo *colocar* [advérbio de modo]. Trata-se de um elemento que opera no Nível Representacional, na predicação central. Em (4), o item *já* atua como modificador temporal do predicado *ver* (representado por f), que também pertence à camada do evento. Diferentemente de (3) e (4), o item *aí*, em (5), atua como argumento locativo do verbo *morar*, por isso, é representado como (l).

- Usos anafóricos:

6.	contava às vezes conta das ex namora::da (que ele tinha) namora::do... até uma vez ele falou que a única pessoa que ele quis ter alguma coisa séria foi comi::go né? essas coisas assim ele sempre conta (AC-064; NR: L. 49-52)	Adv. anafórico
	NR: (p _i : (f _i : [(f _j : contar (f _j) (x _i) (p _j : (f _k : assim (f _k))] (p _j)) (p _j))	

7.	nenhum jogador interfere ele a:: a arremessar a bola esse lance livre é mais ou menos de três metros da cesta ele fica... sozi::nho aí ele arremessa aí ... esse arremesso seri::a/ vale apenas um ponto... e o basquete precisa de muito treino mesmo como eu já di::sse treinar diariamente mesmo... pra treinar o o arreme::sso treina::r... todos os fundamen::tos e todas as regras que:: é:: no no caso é muito complexo por causa di::sso o basquete... (AC-055; RP: L. 150)	Adv. anafórico
	NR: (p _i : (f _i : [(f _j : dizer (f _j) (x _i) (p _j : (f _k : já (f _k))] (p _j)) (p _j))	

8.	eles tiveram MAIS dificuldade pra reconhecer... as vítimas né e:: nesse caso AÍ [o acidente de ônibus da Cometa] foi enterrado gente... com nome de outras pesso::as (AC-101; NR: L. 65-77)	Adv. anafórico
NR: (e _i : (f _i : [(f _j : enterrar (f _j) (x _j) (t _i : (f _k : aí (f _k))] (t _i)) (e _i))		

Na ocorrência (6), o item *assim* faz remissão anafórica a proposições explicitadas anteriormente no texto. Nesse caso, o item *assim* opera na camada da proposição, como um argumento de (f). Em (7), o item *já* faz referência à proposição *precisa de muito treino mesmo*. Em (8), o item *aí* é usado também como um elemento anafórico. Nesse caso, o item *aí* retoma anaforicamente o evento *o acidente de ônibus da Cometa*, que se apresenta na forma nominalizada e é representado como (t). Em todos os casos, os usos expressos pelos itens *assim*, *já* e *aí* operam no Nível Representacional.

- Usos catafóricos:

9.	Doc.: ⁸ [é?...] como que cê faz pá lavar assim o tapete? Inf.: o taPE:::te? eu estendo ele no chão jogo sabão em pó... esfrego bem enxágua ele numa aguinha de Confort... enxágua... de novo e ponho no varal... (AC-032; RP: L. 174)	Adv. catafórico
NR: (e _i : lavar (x _i : assim) (x _j) (e _i))		

10.	Inf.: três dias antes do Natal ele tem três filhos e... tem tem duas duas moça e um moço lá já é um rapaz já de uns de uns:: trinta e oito anos mais ou menos e a mulher dele foi embora e ele ficou desesperado então É uma pessoa muito bem relacionada na sociedade (AC-137; NR: L. 72)	Adv. catafórico
NR: (e _i : (f _i : [(f _j : ser (f _j): (f _i : (f _k : já (f _k)) (x _i))] (f _i)) (e _i))		

11.	Inf.: aí você jo::ga que ele vai... penetrar no bolo... aí cê joga basTAN::te coco ralado em cima né... tá aí o bolo de <u>preguiÇ</u> Os... super gostoso... se não tiver o leite o condensado e nem o... num quiser fazer essa cobertura... prá comer com café também ele fica [gostoso] (AC-110; RP: L. 357-385)	Adv. catafórico
	NR: (e _i : estar (e _j) (x _i : (l _i : aí) (e _j))	

Em (9), o item *assim* atua como advérbio catafórico, referindo-se à categoria indivíduo (x) o *tapete*, por isso, categoria x é representada por *assim*. Nessa ocorrência, o item *assim* faz referência a um elemento que atua como argumento do verbo *lavar*. Em (10), o item *já*, embora apresente o traço de advérbio aspectual, remete cataforicamente à categoria propriedade (f) *de uns de uns:: trinta e oito anos mais ou menos*. Em (10), o que se tem é uma predicação não-verbal, que está situada, portanto, na camada do evento. Já em (11), o item *aí* faz remissão catafórica à categoria indivíduo (x), que constitui o predicado da construção não-verbal (HENGEVELD, 1992).

- Usos como advérbio aspectual:

12.	Inf.: eu num sirvo pá falar muito né sempre:: converso pouco mas os filho já acostumaram comigo desse jeito e entende bem... ⁴ [minha esposa] (AC-121; DE: L. 121)	Adv. aspectual
	NR: (e _i : (f _i : [-acostumaram comigo-] (f _i) (e _j) _φ : (t _i : já (t _i)) _φ) (e _j))	

Na ocorrência (12), o item *já* atua como advérbio aspectual, cuja função é especificar a estrutura temporal interna do estado-de-coisas (e_j). Nesse caso, o item *já* indica a anterioridade a um ponto esperado do evento [os filhos se acostumarem com o jeito do pai]. Apesar de ser um uso que se diferencia do valor temporal de *já*, que é um dos usos mais concretos, o advérbio aspectual opera também na camada do evento, na especificação de suas propriedades temporais, por essa razão, na sistematização, o item *já* é representado como uma unidade temporal (t_i), que modifica o evento.

- Usos como introdutor de episódios:

A introdução de episódios é uma das principais características de *aí*, podendo ser representado como: *aí* (ep_i), *aí* (ep_j), *aí* (ep_l), *aí* (ep_m)...*aí* (ep_{n+1}). Porém, essa também é uma função de *assim*:

13.	[uhum] tá uma comida que eu sei fazer bem é é arroz temperado... então eu faço assim ... é:: compro os legumes na feira né? arro/é:: batati::nhá ceno::ura va::gem a ceboli::nhá... o fra::ngo e costume fazer tudo em panela separada...cozinho batata separa::da o mi::lho tudo separadinho depois que o coz/já faço o arroz arroz branco... com sal alho... normal...depois eu frito o frango faço frango frito:: né? frito o frango aí depois é <i>você</i> né? [...] põe o tempero que você quiser sal óleo...é:: alho ceboli::nhá (AC-064; RP: L. 147-153)	Introdutor de episódios
	NR: <i>assim</i> (ep_i), (ep_j), (ep_l), (ep_m)...(ep_{n+1})	

Como dito anteriormente, em (13), o item *assim* é usado para introduzir vários episódios em uma sequência coerente e organizada. É comum aparecer em construções do tipo “eu faço assim”, “o negócio é assim”, “a receita é assim”, “você pode fazer assim”, dentre outras, que formam o que Hengeveld & Mackenzie (2008) chamam de *cadeia narrativa*. É importante destacar que um episódio pode ser constituído por vários eventos, como em (ep_i : [e_i (e_j) (e_k)] (ep_i)).

- Usos como advérbio relacional:

14.	é um lugar é um lazer [casa da avó] assim né você se sente bem porque é uma cidade calma num tem briga num tem aquelas coisa que a gente tá acostumado aquele movimento sabe e assim eu acho impressionante porque sempre que eu vou prá cidade da minha avó tem velório sabe... morreu alguém porque a minha vó a casa da minha vó é de fundo/ o velório fica no fundo da casa da minha vó (AC-048; DE: L. 236-265)	Adv. relacional
	NR: (p_1) (f_i : (f_i : $e_{\text{assim}}^{\text{AdvRelacional}}$ (f_i)) (f_i)) (p_2)	

15.	<p>[...]... bom meu pai e minha mãe saíram à noite e me deixaram na minha tia c/ junto c'õ meu irmão... e cê sabe a/ aquelas eles saíram seis e meia e seis e meia é aquela hora que todo mundo éh:: sai do servi::ço... tá tudo mundo mu/ muito cansa::do che/ queren(d)o chegá(r) lo::go com fo::me em ca::sa... e aí:: tem mais risco de acontecê(r) um acidente... e foi o que aconteceu... meu pai e minha mãe... estavam:: éh:: indo na avenida Bady Bassi::tt... esquina com a Amara::l do lado do Pastorinho...</p> <p>(AC-008-NR; L. 38-74)</p>	Adv. relacional
NR: (p ₁) (f ₁ : (f ₁ : e_áí _{AdvRelacional} (f ₁) (f ₁) (p ₂))		

Os advérbios relacionais são elementos que ‘acumulam’ as funções anafórica e relacional, pois são elementos que, ao mesmo tempo em que fazem referência anafórica, estabelecem algum tipo de relação semântica entre as unidades a que estão associados. É por esse motivo que os itens *assim* e *aí*, em (14) e (15), são representados na GDF como sendo uma propriedade relacional (f).

- Usos conjuncionais:

(i) conjunções coordenativas:

16.	<p>a família da menina é muito rica né?... muito rica mesmo muito poderosa que acho que se descobrisse quem era com certeza ele estaria elimiNA::do né?... porque eu acho que:: tem tio juiz::... acho que/... tios delega::do... promoTOres né?... são família da ALta sociedade daqui de São José do Rio Preto né?... e::... assim eu dei um::/ foi até um alívio assim que num ficaram saben(d)o né? porque se/ com certeza ele estaria morto... e eu ficaria triste pela mãe dele né?</p> <p>(AC-069; NR: L. 82-111)</p>	Conjunção coordenativa
NR: (p ₁) (f ₁ : (f ₁ : assim _{ConjCoordenativa} (f ₁) (f ₁) (p ₂))		

17.	Doc.: ah e:: nem conta nada ²² [que ela gosta de alguém]?... Inf.: ²² [ne::m conta] agora já minha outra irmã...fala tudo [se gosta ou não gosta de outros meninos]?... (AC-017; NE: L. 94)	Conjunção coordenativa
	NR: (p ₁) (f _i : (f _i : já _{ConjCoordenativa} (f _i) (f _i) (p ₂))	

18.	Doc.: ¹ [cê (pôs) pa vendê(r)?] Inf.: eu vendi::a e eu perdi um pou/ eu perdi fiquei deven(d)o uma (parte) de dinheiro po cara lá... aí eu tive que roubá(r) pa pagá(r) (AC-025-NE; L. 12)	Conjunção coordenativa
	NR: (p ₁) (f _i : (f _i : aí _{ConjCoordenativa} (f _i) (f _i) (p ₂))	

(ii) conjunções subordinativas:

19.	fica mexendo...com fogo baixo...mexe até cansar... assim que desgrudar da panela eu coloco numa outra vasilha (AC-018; RP: L. 104)	Conjunção subordinativa
	NR: (e ₁) (f _i : (f _i : assim_que _{ConjSubordinativa} (f _i) (f _i) (e ₂))	

20.	Doc.: dona Mar:ia eu gostaria que a senhora me descreVEsse assim como que é a cidade aqui de Cedral já que a senhora nasceu aQUI viveu aQUI éh a senhora conhece bem a cida:de como que é a cidade aqui de Cedral? (AC-142; DE: L. 87)	Conjunção subordinativa
	NR: (p ₁) (f _i : (f _i : já_que _{ConjSubordinativa} (f _i) (f _i) (p ₂))	

(iii) conjunções correlativas:

21.	todo mundo vai achar ah liberou pra comprar vou comprar uma arma todo mundo vai querer comprar arma e é perigoso também porque se você vota não aí numa briga de acidentes lá o:: um familiar seu morre só porque:: no trânsito tava reclamando com o carro (AC-045; RO: L. 297-312)	Conjunção correlativa
	NR: (f _i : (f _i : se _{conjunção} (f _i)) (p ₁) (f _i : (f _i : aí _{conjunção} (f _i) (f _i)) (p ₂))	

De (16) a (21), os itens linguísticos *assim*, *já* e *ai* atuam como conjunções, ora estabelecendo relações semânticas entre estruturas coordenadas ora atuando entre estruturas subordinadas. Por isso, em todas as ocorrências, os itens *assim*, *já* e *ai* são representados como propriedades (f), pois estabelecem relações de dependência/independência entre eventos (e) ou proposições (p). A única diferença é que, em (21), *ai* atua como conjunção correlativa, relacionados duas proposições.

Usos de assim, já e ai no Nível Interpessoal

Além dos usos de *assim*, *já* e *ai* nas camadas do Nível Representacional, esses elementos podem também atuar nas camadas do Nível Interpessoal, exercendo diferentes funções:

- Usos como operador aproximativo:

22.	<p>Doc.: e o da sua mãe? Inf.: o da minha mãe::... eu num sei o nome daquela cor mas acho que é salmão ou algo ¹¹[<i>assim</i>... é::] ¹¹[Doc.: aham ((concordando))] é:: bonito lara/la/ chama... a.../ a parede mais escura acho/ É:: quase <u>laranja</u> assim SEMpre TEM as paredes mais CLAras e depois a esCUra (AC-010-DE; L. 217-221)</p>	Operador aproximativo de subato adscritivo
	NI: (approx _{assim} (T ₁ : laranja (T ₁)))	
23.	<p>ai a gente chamô(u) minha mãe pra me levá(r) no Hospital Santa Helena... lá (...) num tinha ninguém pra me atendê(r) ai eu fui na Beneficência... ai lá me trataram bem:: co/ perguntaram tu::do que tinha aconteci::do... e eu fui falan(d)o... ai colocaram um::...cervical <u>alguma coisa</u> assim sabe?... então ai eu fiquei... lá na:: me deram so::ro me deram um monte de coisa pra mi/ mim tomá(r)...(AC-009; NE: L. 38)</p>	Operador aproximativo de subato referencial
	NI: (approx _{assim} (R ₁ : alguma coisa (R ₁)))	

Segundo Hengeveld & Mackenzie (2008), os subatos adscritivos (T) e referenciais (R) são categorias interpessoais que

compõem o Conteúdo comunicado. Para a GDF, o esquema de organização interna dos subatos referenciais em relação à presença de modificadores é:

24. (II Ri: [(Ti) (Tj: [] (Tj): felizmente/infelizmente (Tj))] (Ri))

Já para os operadores de subatos adscritivos, o esquema é o seguinte:

25. (a) (approx (T1))
(b) (emph (T1))

Uma das contribuições deste trabalho, e também de Braga & Souza (2008), é a descoberta de um operador aproximativo para os subatos referenciais, até então proposto apenas para os subatos adscritivos. Por apresentarem um mesmo comportamento comunicativo, os usos de *assim* em (22) e (23) são classificados como operadores aproximativos, que tratam da inexatidão das informações.

Em (26), a forma linguística *ai* funciona também como *operador aproximativo de subato referencial*, possibilidade até então não considerada por Hengeveld & Mackenzie (2008):

26.	<p>Inf.: ah:: a M. já me contô(u) alg/ <u>umas coisas ai...</u> tipo a gente a gente foi no baile jun::to tal... (...) aí depois no final do baile ela vem tipo ela fala que vem me contan(d)o as coisas... daí:: ela:: me falô(u) que:: ela FOI ela ela era a fim de beijá(r) un::s menino lá... tipo ela começa a dá(r) indiREta nos moleque ... (AC-010-NR; L. 93-110)</p>	Operador aproximativo de subato referencial
	NI: (approx _{ai} (R _i : umas coisas (R _i))	

Como se pode observar, em (26), o item *ai* opera sobre o sintagma nominal “umas coisas”, conferindo-lhe um valor impreciso, incerto ou ‘relativo’ (às vezes). Comunicativamente, essa ocorrência pode ser entendida da seguinte forma: *uma amiga me contou umas coisas que são íntimas e, por isso, eu não posso dizer exatamente como essas coisas ocorreram*. Assim, por conta dos

dados do presente estudo e da contribuição de Braga & Souza (2008) para o desenvolvimento do modelo teórico da GDF, a inserção de um operador aproximativo nos subatos referenciais foi recentemente acatada por Hengeveld & Keizer (2008), em um estudo sobre os operadores de subatos adscritivos e referenciais, realizado a partir de uma perspectiva tipológica de análise.

Uma ocorrência de *ai* como operador aproximativo de subato adscritivo é dada em (27):

27.	Inf.: tenho duas neta tenho uma neta que já <i>se/</i> já casou né e tem outra mocinha tá com uns qui/ quinze ano... e tem o o:: irmão delas deve tá <u>com dez ano</u> por <u>ai</u> ... ele gosta de desenhar... precisa ver os desenho que ele faz desenha cacho::rro desenha (inint.) que é a mãe de::le [Doc.: uhum] ele tem DOM (AC-121; NR: L. 95-99)	Operador aproximativo de subato adscritivo
NI: (approx _{ai} (T _I : com dez anos (T _I))		

Em (27), o item *ai* atua sobre o sintagma *com dez anos* como um operador aproximativo. Nesse sentido, em vista dos exemplos, o que propomos neste estudo é o que segue em (28):

28. (Π R₁: Núcleo (R₁): modificador (R₁))
- proposta: (**approx** (R₁))

A presença de *assim* e *ai* operando nos subatos adscritivos e referenciais é mais uma evidência de que esses elementos estão se gramaticalizando e assumindo funções declaradamente interpessoais.

- Usos como introdutor de Conteúdo comunicado:

29.	de repente ele [meu filho] parou de conversar [pela internet] com minha irmã e começou falar com a minha prima e minha irmã brava com ele perguntando pra ele –“com quem você tá falando”– aí ele falou assim –“eu tô falando com a Tami::res” – aí falou assim –“ah! tá”-- aí ele pegou falou assim –“ah! em Rio Preto” (AC-078; NR: L. 89-100)	Introdutor de Conteúdo comunicado
NI: (M _I : (A _I : (F _I : DECL (F _I)) (P _I) _S (P _I) _A (C _I : [- eu tô falando com a Tamires -] (C _I : Σ (C _I)) (A _I) (M _I))		

Por introduzir o discurso direto de um falante (informação), o uso de *assim* é representado em (29) como um introdutor de Conteúdo comunicado (que indica aquilo que é falado por alguém).

- Usos como marcador de foco e introdutor de tópico:

30.	Doc.: e assim com relação aos filhos do senhor alguma situação... que eles já passaram que o senhor já tinha me dito que ia falar que co/ eles e eles contaram pro senhor e o senhor num esqueceu assim o senhor pode tá falando (AC-101; NR: L. 79-81)	Introdutor de tópico
NI: (C ₁ : [(R ₁ : filhos) _{Top} (T _J : passaram) _Φ (T ₁ : situação) _{Foc}] (C ₁))		
31.	Inf.: ³ [É::]... ai eu tenho tipo uma tia que ela já foi pra Cu::ba... isso já faz <u>um tempo já</u> ... ela foi pra CU::ba era pra pra mim tê(r) ido jun::to só que meu pai diz que num quis porque a gente era muito novo (AC-010-NR; L. 139)	Marcador de foco
NI: (C ₁ : [(R ₁ : isso) (T _J : faz) (T ₁ : um tempo) _{Foc}] (C ₁))		

Em (30), a documentadora utiliza o item *assim* como estratégia linguística para introduzir o tópico *filhos do informante* para, a partir daí, questionar o informante sobre possíveis acontecimentos relacionados aos filhos, e, por isso, é representado como uma função na GDF (_{Top}: introdutor de tópico). Em (31), o papel do item linguístico *já* é marcar o Foco da oração, isto é, a informação que o falante considera como mais importante para ser transmitida ao ouvinte. Por essa razão, o item *já* é representado em (31) como uma função (_{Foc}: marcador de foco). Essa leitura de foco é garantida pelo processo de reduplicação de *já* na construção em análise [**já** SV SN/SAdj/SAdv **já**].

O uso de *ai*, em (32), é outro caso que opera na organização de tópico:

32.	<p> aí nós pegô(u) lá colocô(u) lá ficô(u) jogan(d) o jogan(d)o jogan(d)o jogan(d)o... deu um piriPAQUE lá na fita do menino [Doc.: uhm] depois o menino... foi lá e falô(u) assim –“o E. cadê minha fita?”–... hum –“suMI::U”– Doc.: e aí? o menino ficô(u) bravo? Inf.: não agora o menino NE::M LEMbra mais que ele tem aquela fita (AC-007-NE; L. 10-31) </p>	Introdutor de tópico
NI: (C ₁ : [(R ₁ : menino) _{Top} (T ₁ : ficou) (T ₁ : bravo) _{Foc}] (C ₁))		

- Usos como marcador discursivo:

33.	<p> cê já... VI::U assim particiPÔ::(U) de alguma BRlga alguma coisa...que marCÔ(U)?...pode falá(r) pra gente? (AC-010-NE; L. 46) </p>	Marcador discursivo
NI: (M ₁ : [(A ₁) assim _{MarcadorMetadiscursivo} (A ₂) _Φ] (M ₁) _Φ)		

34.	<p> Inf.: (...) e aí que aconteceu ele [o amigo] gostava dela o outro [baixista da igreja] começou namorar na/a namorar escondido e ela ficou sabendo que ele [o amigo]:: que ele gostava dela aí ficou aquele clima ruim né?...e aí eu falei – “Renan que cê vai fazer agora?” – aí:: ele falou – “num sei né?” – aí:: aí aí foi embora aí ele tentou a voltar a amiza::de e ela ficou com os dois ao mesmo tempo num dia só... linguí(AC-017-NR; L. 59-72) </p>	Marcador discursivo
NI: (M ₁ : [(A ₁) aí _{MarcadorMetadiscursivo} (A ₂) _Φ] (M ₁) _Φ)		

Nas ocorrências acima, os itens *assim* e *aí* são analisados como marcadores metadiscursivos, porque ambos atuam na camada do ato discursivo, na reformulação daquilo que foi dito anteriormente pelo falante. É o que justifica a representação de *assim* e *aí* como uma função em (33) e (34).

- Usos como introdutor de movimento:

35.	<p>Doc.: sabe o que eu queria que cê me contasse também se puDESSE ...como você conheceu seu... ²[atual] namorado... Inf.: ²[namorado?] ahn... éh:: foi assim eu tava numa casa de uma colega MINHA... <i>ai</i> ela falou assim que tinha que apresentar uns menino queria apresentar uns menino aí no meu dos menino tava ELE <i>ai</i> foi assim amor à primeira vista... [Doc.: hum] <i>ai</i>:: ele pegou e pe/pe/ perguntou se eu queria ficar com ele eu falei que eu queri::a a gente começou ficar naquele dia aí passaram uns dois meses a gente num se viu mais... [Doc.: hum] <i>ai</i> do nada eu encontrei ele assim <i>ai</i> a gente começou ficar de novo ele pediu eu em namo::ro e a gente tá até ho::jê (AC-034; NE: L. 15-24)</p>	Introdutor de movimento
	NI: <i>assim</i> (M ₁ : [<i>ai</i> (A ₁)... <i>ai</i> (A ₂)... <i>ai</i> (A ₃)... <i>ai</i> (A _{4+n}) _Φ] (M ₁) _Φ)	

Em (35), *ai* opera na introdução de movimento complexo, que pertence ao Nível Interpessoal. Em outras palavras, em (35), o item *ai* atua na camada do movimento, que é a camada mais gramatical, abstrata e expressiva do nível pragmático, sendo, portanto, representado, como uma função [introdutor de movimento] e não como um modificador ou operador. Nessa ocorrência, *ai* introduz um movimento de reação (ao comando do documentador), que, por sua vez, é constituído por vários atos discursivos, que são inseridos por meio de outros usos de *ai* no Português brasileiro.

GENERALIZAÇÕES SINCRÔNICAS: O PERCURSO DE MUDANÇA

Relacionando as ocorrências de *assim*, *já* e *ai* às diferentes categorias semânticas e pragmáticas dos níveis Representacional e Interpessoal, temos o seguinte:

ITENS	Categorias da GDF							
	Nível Representacional					Nível Interpessoal		
	f	x	e	ep	p	C	A	M
<i>Assim</i>	-	-	+	+	+	+	+	+
<i>Já</i>	-	-	+	+	+	+	-	-
<i>Aí</i>	-	-	+	+	+	+	+	-

Quadro 3. Correlação entre os itens *assim*, *já* e *aí* e os níveis da GDF

A análise dos dados de *assim*, *já* e *aí* sugere uma trajetória de GR que parte das camadas do Nível Representacional, em especial a camada do evento, em direção às camadas do Nível Interpessoal, como as camadas do conteúdo comunicado, ato discursivo e movimento. Esse percurso de mudança envolve alterações morfossintáticas, pelo fato de os itens assumirem outras posições sintáticas e integrarem outros paradigmas funcionais, e também alterações semânticas e pragmáticas (SOUZA, 2009). Com relação às mudanças semântico-pragmáticas, o que se observa é a persistência de alguns traços semânticos das formas-fonte nos usos mais gramaticalizados (HOPPER, 1991).

Nesse sentido, os percursos de GR de *assim*, *já* e *aí* corroboram as idéias de Traugott (1982, 1995) e Traugott & König (1991) não apenas no tocante ao papel do contexto no surgimento de novos usos na língua, como também no tocante ao caráter unidirecional das mudanças, que partem quase sempre do componente proposicional rumo ao componente expressivo da língua:

Categorias representacionais	Categorias interpessoais
evento > episódio > proposição	> conteúdo comunicado > (ato discursivo) > (movimento)

Quadro 4. Os percursos de GR de *assim*, *já* e *aí* na GDF

Como se vê no quadro 4, os percursos de mudança linguística de *assim*, *já* e *aí* no Português falado do noroeste paulista sugerem que há um processo de GR que começa no Nível Representacional (nas camadas do evento, episódio e conteúdo proposicional) e termina

no Nível Interpessoal (nas camadas do Conteúdo comunicado, Ato discursivo e Movimento), sendo o evento, em geral, a camada-fonte do processo de GR e o movimento a camada-alvo, em especial para os itens *assim* e *aí*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados de *assim*, *já* e *aí* aponta para os seguintes resultados:

Deit. > fórico > introd. epis. > adv. rel. > conj. coord. > oper. sub.
 ads. > intr. cont. com. > org. top. > m.disc. > introd. mov.
 conj. subordin. oper. sub. ref.

Quadro 5. Trajetória de GR de *assim* no Português contemporâneo

Deit. > adv. aspectual > fórico > conj. coord. > marcador de foco
 conj. subordin.

Quadro 6. Trajetória de GR de *já* no Português contemporâneo

Deit. > fórico > introd. epis. > adv. rel. > conj. coord. > oper. sub.
 ads. > org. top. > introd. ato discursivo > m. disc.
 conj. subordin. oper. sub. ref.
 conj. correl.

Quadro 7. Trajetória de GR de *aí* no Português contemporâneo

A partir das categorias semânticas e pragmáticas propostas pela GDF, mostramos que os usos mais concretos de *assim*, *já* e *aí*, os de advérbios dêiticos, estão situados na camada do evento, do Nível Representacional, e à medida que esse item vai assumindo outras funções na língua, tais como funções textuais (advérbio anafórico, advérbio catafórico, introdutor de episódios, advérbio relacional e conjunção coordenativa e subordinativa) e funções discursivas (introdutor de Conteúdo comunicado, operador aproximativo de subatos referencial e adscritivo, marcador discursivo/foco, organizador de tópico e introdutor de movimento), esses itens passam também a operar em outras camadas dos níveis Representacional e Interpessoal, percorrendo

uma trajetória unidirecional de mudança, que vai do menos gramatical para o mais gramatical, conforme os quadros 5, 6 e 7.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, J. S. *Gramática filosófica da língua portuguesa*. Lisboa: TARS, 1881.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BRAGA, M. L., SOUZA, E. R. F. *Estou com uns problemas aí: o uso de aí como operador aproximativo no Português Brasileiro*, 2008 (em preparação).
- BRAGA, M. L. *Aí e Então* e a hipótese da trajetória universal. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Descrição do português*. Araraquara: Acadêmica, 2001, p. 13-23.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R.; BRIAN, J. (eds.). *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- CUNHA, C. F., CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. RJ: Nova Fronteira, 1985.
- DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. N.York: Mouton de Gruyter, 1997.
- GUERRA, A. R. Funções textual-interativas dos marcadores discursivos. *Dissertação de Mestrado* (Estudos Linguísticos). São José do Rio Preto: IBILCE/UNESP, 2007.
- HEINE, B., *et alii*. From cognition to grammar: evidence from african languages. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1991, p.149-87.
- HENGEVELD, K. & MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: A typologically based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HENGEVELD, K., KEIZER, E. Non-straightforward communication. *WPPFG*, 2008.

- HOPPER, P., TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: University Press, 1993.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-35.
- ILARI, R. *et alii*. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP, 1990, p. 63-141.
- KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in FDG. *Revista Alfa*. Advances in Functional Discourse Grammar, v. 51, n. 2, 2007, p. 35-56.
- LOPES-DAMÁSIO, L. R. A emergência do marcador discursivo *assim* sob a óptica da gramaticalização. *Dissertação de Mestrado*. São José do Rio Preto: IBILCE/UNESP, 2008.
- NEVES, M. H. M. Os advérbios circunstanciais de lugar e tempo. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. da UNICAMP. v. II. 1992, p. 261-295.
- SCHILLER, E. *Why do creoles have serial verb constructions*, 1999. Disponível em: http://www.ericsschiller.com/ling/papers/why_svc. Acesso em 26/11/07.
- SEBBA, M. *The syntax of serial verbs*. Amsterdam: Benjamin, 1987.
- SILVA, G. M. de O *et alii*. Anatomia e fisiologia dos marcadores discursivos não-prototípicos. In.
- SOUZA, E. R. F. Gramaticalização dos itens linguísticos *assim*, *já* e *ai* no português brasileiro. *Tese de Doutorado* (Linguística). Campinas: IEL/UNICAMP, 2009.
- SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- TRAUGOTT, E. C. From propositional to textual and expressive meanings. In: LEHMAN, W.; MALKIEL, Y. (eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam, John Benjamins, 1982.

TRAUGOTT, E. C. From subjectification to intersubjectification. In: RAYMOND, H. (ed.). *Motives for Language Change*, 124-139. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Paper presented at ICHL XII, Manchester, 1995.